

ELIAS CANETTI

# MASSA E PODER

*Tradução*

Sergio Tellaroli



Copyright © 1960 by Claassen Verlag GmbH, Hamburg  
Copyright © 1992 by Claassen Verlag GmbH, Hildesheim

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,  
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Título original*  
Masse und Macht

*Capa*  
Jeff Fisher

*Preparação*  
Márcia Copola

*Revisão*  
Renato Potenza Rodrigues  
Érica Borges Correa

*Atualização ortográfica*  
Verba Editorial

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Canetti, Elias, 1905-1994.

Massa e poder / Elias Canetti ; tradução Sergio Tellaroli. —  
1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2019.

Título original: Masse und macht.

Bibliografia.

ISBN 978-85-359-3227-0 (ed. de bolso)

1. Comportamento de massa 2. Poder (Ciências sociais)  
3. Psicologia social 4. Sociedade de massa I. Título.

19-25353

CDD -302.3

---

Índice para catálogo sistemático:

1. Comportamento de massa : Psicologia social 302.3

Iolanda Rodrigues Biode — Bibliotecária — CRB-8/10014

2019

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)

*Para Veza Canetti*

## SUMÁRIO

### A MASSA

A inversão do temor do contato 11 • Massa aberta e massa fechada 13 • A descarga 15 • A ânsia de destruição 17 • A erupção 19 • O sentimento de perseguição 22 • A domesticação das massas nas religiões universais 24 • O pânico 26 • A massa como anel 29 • As propriedades da massa 30 • O ritmo 33 • O estancamento 37 • A lentidão ou a lonjura da meta 44 • As massas invisíveis 48 • Classificação das massas segundo o afeto dominante 56 • Massas de acossamento 57 • Massas de fuga 62 • Massas de proibição 66 • Massas de inversão 69 • Massas festivas 75 • A massa dupla: homens e mulheres. Os vivos e os mortos 76 • A massa dupla: a guerra 83 • Cristais de massa 91 • Símbolos de massa 93

### A MALTA

A malta e as maltas 115 • A malta de caça 121 • A malta de guerra 123 • A malta de lamentação 129 • A malta de multiplicação 135 • A comunhão 142 • A malta interna e a malta silenciosa 144 • A determinação das maltas e sua constância histórica 147 • As maltas nas lendas dos antepassados dos arandas 149 • As formações humanas dos arandas 154

### MALTA E RELIGIÃO

A transformação das maltas 158 • A floresta e a caça entre os leles de Kassai 160 • Os despojos de guerra dos jivaros 165 • As danças da chuva dos índios pueblos 170 • Sobre a dinâmica da guerra: o primeiro morto — o triunfo 173 • O islamismo como religião de guerra 177 • As religiões de la-

mentação 179 • A festa xiita do muharram 183 • Catolicismo e massa 195 • O fogo sagrado em Jerusalém 199

#### MASSA E HISTÓRIA

Os símbolos de massa das nações 210 • A Alemanha de Versalhes 224 • A inflação e a massa 229 • A essência do sistema parlamentar 235 • Partilha e multiplicação. O socialismo e a produção 239 • A autodestruição dos xosas 242

#### AS ENTRANHAS DO PODER

Captura e incorporação 253 • A mão 264 • Sobre a psicologia do comer 276

#### O SOBREVIVENTE

O sobrevivente 283 • Sobrevivência e invulnerabilidade 285 • A sobrevivência como paixão 287 • O detentor do poder como sobrevivente 289 • A salvação de Flávio Josefo 293 • A aversão dos poderosos pelos sobreviventes. Os soberanos e seus sucessores 304 • As formas da sobrevivência 310 • O sobrevivente na crença dos povos primitivos 316 • Os mortos como aqueles aos quais se sobreviveu 331 • As epidemias 346 • Sobre os cemitérios e o sentimento que provocam 349 • Da imortalidade 352

#### ELEMENTOS DO PODER

Força e poder 355 • Poder e velocidade 357 • Pergunta e resposta 360 • O segredo 367 • Veredictos e condenações 375 • O poder do perdão. A misericórdia 377

#### A ORDEM

A ordem: fuga e aguilhão 380 • A domesticação da ordem 385 • O contragolpe e o medo da ordem 387 • A ordem dada a muitos 388 • A expectativa da ordem 391 • A expectativa da ordem nos peregrinos de Arafat 394 • O aguilhão da ordem e a disciplina 396 • A ordem, o cavalo e a flecha 398 • As emasculações religiosas: os skoptsys 401 • Negativismo e

esquizofrenia 405 • A inversão 409 • A dissolução do aguilhão 413 • Ordem e execução. O carrasco satisfeito 416 • Ordem e responsabilidade 418

#### A METAMORFOSE

Presentimento e metamorfose entre os bosquímanos 421 • As metamorfoses de fuga. A histeria, a mania e a melancolia 428 • Automultiplicação e autoingestão. A figura dupla do totem 436 • Massa e metamorfose no delirium tremens 450 • Imitação e simulação 465 • A figura e a máscara 470 • A contrametamorfose 476 • As proibições da metamorfose 478 • A escravidão 484

#### ASPECTOS DO PODER

Das posições do homem e do poder que contém 486 • O regente 496 • A fama 499 • A ordem do tempo 500 • A corte 503 • O trono crescente do imperador de Bizâncio 505 • As ideias de grandeza dos paralíticos 506

#### DOMINAÇÃO E PARANOIA

Reis africanos 516 • O sultão de Delhi: Muhammad Tughlak 534 • O caso Schreber. Primeira parte 548 • O caso Schreber. Segunda parte 567

Epílogo 587

Notas 595

Bibliografia 605

Sobre o autor 617

## A MASSA

### A INVERSÃO DO TEMOR DO CONTATO

Não há nada que o homem mais tema do que o contato com o desconhecido. Ele quer ver aquilo que o está tocando; quer ser capaz de conhecê-lo ou, ao menos, de classificá-lo. Por toda parte, o homem evita o contato com o que lhe é estranho. À noite ou no escuro, o pavor ante o contato inesperado pode intensificar-se até o pânico. Nem mesmo as roupas proporcionam segurança suficiente — quão facilmente se pode rasgá-las, quão fácil é avançar até a carne nua, lisa, indefesa da vítima.

Todas as distâncias que os homens criaram em torno de si foram ditadas por esse temor do contato. As pessoas trancam-se em casas que ninguém pode adentrar, somente nelas sentindo-se mais ou menos seguras. O medo do ladrão não se deve unicamente a seu propósito de roubar, mas é também um temor ante seu toque súbito, inesperado, saído da escuridão. A mão transformada em garra é o símbolo que sempre se emprega para representar esse medo. Trata-se aí de uma questão que, em boa parte, manifesta-se no duplo sentido da palavra *agarrar* [*angreifen*]. Nesta encontram-se contidos ao mesmo tempo tanto o contato inofensivo quanto o ataque perigoso, e algo deste último sempre ecoa no primeiro. Já o substantivo *agressão* [*Angriff*], por sua vez, viu-se reduzido exclusivamente ao sentido negativo da palavra.

Tal aversão ao contato não nos deixa nem quando caminhamos em meio a outras pessoas. A maneira como nos movemos na rua, em meio aos muitos transeuntes, ou em restaurantes, trens e ônibus, é ditada por esse medo. Mesmo quando nos encontramos bastante próximos das pessoas; mesmo quando podemos observá-las bem e inspecioná-las, ainda assim evitamos,

tanto quanto possível, qualquer contato com elas. Se fazemos o contrário, é porque gostamos de alguém, e, nesse caso, a iniciativa da aproximação parte de nós mesmos.

A presteza com que nos desculpamos quando do contato não intencional; a tensão com que se aguardam tais desculpas; a reação veemente e, por vezes, violenta quando elas não vêm; a repugnância e o ódio sentidos em relação ao “malfeitor”, mesmo quando não nos é possível ter certeza de quem foi que nos tocou — todo esse emaranhado de reações psíquicas em torno do contato com o estranho demonstra, pela instabilidade e irritabilidade extremas, tratar-se aí de algo muito profundo, sempre desperto e melindroso, algo que, uma vez tendo o homem estabelecido as fronteiras de sua pessoa, nunca mais o abandona. Mesmo o sono, estado em que nos encontramos muito mais indefesos, é facilmente perturbável por esse tipo de temor.

Somente na *massa* é possível ao homem libertar-se do temor do contato. Tem-se aí a única situação na qual esse temor transforma-se no seu oposto. E é da massa *densa* que se precisa para tanto, aquela na qual um corpo comprime-se contra o outro, *densa* inclusive em sua constituição psíquica, de modo que não atentamos para quem é que nos “comprime”. Tão logo nos entregamos à massa não tememos o seu contato. Na massa ideal, todos são iguais. Nenhuma diversidade conta, nem mesmo a dos sexos. Quem quer que nos comprima é igual a nós. Sentimo-lo como sentimos a nós mesmos. Subitamente, tudo se passa então como que *no interior de um único corpo*. Talvez essa seja uma das razões pelas quais a massa busca concentrar-se de maneira tão densa: ela deseja libertar-se tão completamente quanto possível do temor individual do contato. Quanto mais energicamente os homens se apertarem uns contra os outros, tanto mais seguros eles se sentirão de não se temerem mutuamente. Essa *inversão do temor do contato* é característica da massa. O alívio que nela se propaga — e do qual falaremos ainda, em outro contexto — alcança uma proporção notavelmente alta quando a massa se apresenta em sua densidade máxima.



## MASSA ABERTA E MASSA FECHADA

Um fenômeno tão enigmático quanto universal é o da massa que repentinamente se forma onde, antes, nada havia. Uma ou poucas pessoas se juntam — cinco, dez ou doze, no máximo. Nada foi anunciado; nada é aguardado. De repente, o local preteja de gente. As pessoas afluem, provindas de todos os lados, e é como se as ruas tivessem uma única direção. Muitos não sabem o que aconteceu e, se perguntados, nada têm a responder; no entanto, têm pressa de estar onde a maioria está. Em seu movimento, há uma determinação que difere inteiramente da expressão da curiosidade habitual. O movimento de uns — pode-se pensar — comunica-se aos outros; mas não é só isso: as pessoas têm uma meta. E ela está lá antes mesmo que se encontrem palavras para descrevê-la: a meta é o ponto mais negro — o local onde a maioria encontra-se reunida.

Haverá muito a dizer aqui acerca dessa forma extrema da massa espontânea. No local onde ela surge, em seu verdadeiro cerne, ela não é tão espontânea quanto parece. No mais, porém — excetuando-se aquelas cinco, dez ou doze pessoas que lhe deram origem —, ela de fato o é. Tão logo adquire existência, seu desejo é consistir de *mais*. A ânsia de crescer constitui a primeira e suprema qualidade da massa. Ela deseja abarcar todo aquele que esteja ao seu alcance. Quem quer que ostente a forma humana pode juntar-se a ela. A massa natural é a massa *aberta*: fronteira alguma impõe-se ao seu crescimento. Ela não reconhece casas, portas ou fechaduras; aqueles que se fecham a ela são-lhe suspeitos. A palavra *aberta* deve ser entendida aqui em todos os sentidos: tal massa o é em toda parte e em todas as direções. A massa aberta existe tão somente enquanto cresce. Sua desintegração principia assim que ela para de crescer.

Sim, pois tão subitamente quanto nasce a massa também se desintegra. Nessa sua forma espontânea, ela é uma construção delicada. Seu caráter aberto, que lhe possibilita o crescimento, representa-lhe também um perigo. A massa traz sempre vivo

em si um pressentimento da desintegração que a ameaça e da qual busca escapar através do rápido crescimento. Enquanto pode, ela absorve tudo; uma vez, porém, que tudo absorve, tem ela também de, necessariamente, desintegrar-se.

Em contraposição à massa aberta — que é capaz de crescer até o infinito, está em toda parte e, por isso mesmo, reclama um interesse universal — tem-se a massa *fechada*.

Esta renuncia ao crescimento, visando sobretudo a durabilidade. O que nela salta aos olhos é, em primeiro lugar, sua *fronteira*. A massa fechada se fixa. Ela cria um lugar para si na medida em que se limita; o espaço que vai preencher foi-lhe destinado. Tal espaço é comparável a um vaso no qual se derrama um líquido: sabe-se de antemão a quantidade de líquido que ele comporta. Os acessos a esse espaço são em número limitado; não se pode adentrá-lo em um ponto qualquer. A fronteira é respeitada, seja ela de pedra ou de alvenaria. Talvez um ato particular de admissão seja necessário; talvez tenha-se de pagar uma certa quantia pelo ingresso. Uma vez preenchido o espaço, apresentando-se ele denso o suficiente, ninguém mais pode entrar, e, ainda que transborde de gente, o principal segue sempre sendo a massa densa no interior do espaço fechado, massa esta à qual não pertencem de fato os que ficaram do lado de fora.

A fronteira impede um crescimento desordenado, mas também dificulta e adia a desintegração. O que sacrifica assim em termos de possibilidade de crescimento, a massa ganha em durabilidade. Ela se encontra protegida de influências exteriores que lhe poderiam ser hostis e perigosas. Aquilo, porém, com que ela conta muito especialmente é a *repetição*. Graças à perspectiva de voltar a reunir-se, a massa sempre se ilude quanto a sua dissolução. O edifício espera por ela, existe por sua causa, e, enquanto ele existir, as pessoas voltarão a reunir-se de modo semelhante. Mesmo na maré baixa, o espaço lhes pertence, e, vazio, ele lembra a época da cheia.

## A DESCARGA

O mais importante acontecimento a desenrolar-se no interior da massa é a *descarga*. Anteriormente a ele, a massa ainda não existe de fato. É somente a descarga que efetivamente a constitui. Trata-se do momento em que todos os que a compõem desvencilham-se de suas diferenças e passam a sentir-se *iguais*.

Por diferenças há que se entender particularmente aquelas impostas a partir do exterior — as diferenças determinadas pela hierarquia, posição social e pela propriedade. Individualmente, os homens estão sempre conscientes dessas diferenças. Elas pesam sobre eles, apartam-nos com grande vigor uns dos outros. Postado em lugar definido e seguro, o homem, com gestos jurídicos eficazes, afasta de si tudo quanto dele se aproxima. Sua postura assemelha-se à de um moinho de vento, expressivo e em movimento em meio a uma enorme planície: nada há até o próximo moinho. A totalidade da vida, conforme ele a conhece, assenta-se em distâncias; a casa na qual ele encerra a si próprio e a suas posses, o cargo que ocupa, a posição pela qual anseia — tudo isso serve para criar, consolidar e ampliar *distâncias*. A liberdade do movimento mais profundo rumo ao próximo é cerceada. Impulsos e contraimpulsos esvaem-se qual num deserto. Ninguém é capaz de chegar próximo ou à altura do outro. Hierarquias solidamente estabelecidas em cada domínio da vida não permitem a pessoa alguma tocar naquele que está mais acima, ou descer — a não ser em aparência — até o que se encontra mais abaixo. Em sociedades diversas, diversa é a maneira pela qual tais distâncias se contrabalançam. Em algumas, dá-se ênfase às diferenças de origem; em outras, àquelas determinadas pela profissão e pela propriedade.

Não se trata aqui de caracterizar uma a uma essas hierarquias. O essencial é que elas existem em toda parte; que se aninham na consciência dos homens e determinam decisivamente o seu comportamento para com os outros. A satisfação de situar-se hierarquicamente acima dos demais não oferece com-

pensação pela perda da liberdade de movimentos. Em suas distâncias, o homem se faz rijo e sombrio. Ele se arrasta sob o peso de tais cargas e não sai do lugar. Esquece que foi ele próprio quem se impôs essas cargas e anseia por libertar-se delas. Mas como há de libertar-se sozinho? O que quer que faça — e por mais decidido que esteja —, encontrar-se-á em meio a outros que frustrarão o seu empenho. Enquanto estes últimos aferrarem-se a suas distâncias, ele não logrará aproximar-se um milímetro sequer.

Somente a união de todos é capaz de promover-lhes a libertação das cargas da distância. E é precisamente isso o que acontece na massa. Na *descarga*, deitam-se abaixo as separações, e todos se sentem *iguais*. Nessa sua concentração, onde quase não há espaço entre as pessoas, onde os corpos se comprimem uns contra os outros, cada um encontra-se tão próximo do outro quanto de si mesmo. Enorme é o *alívio* que isso provoca. É em razão desse momento feliz, no qual ninguém é *mais* ou melhor que os outros, que os homens transformam-se em massa.

Contudo, o momento da descarga, tão cobiçado e feliz, encerra em si o seu próprio perigo. Padece de uma ilusão básica: embora sintam-se subitamente iguais, os homens não o são de fato, nem o são para sempre. Retornam cada um a sua casa e põem-se em suas camas para dormir. Conservam suas posses e não renunciam ao próprio nome. Não repudiam seus parentes nem abandonam a família. Somente em conversões de natureza mais séria é que os homens rompem antigos vínculos, assumindo novos. *Tais* vinculações, que, por sua natureza, podem acolher apenas um número limitado de membros e precisam assegurar a própria existência mediante duras regras, eu as chamo cristais de massa. De sua função, tratar-se-á mais detalhadamente adiante.

Quanto à massa, porém, esta desfaz-se. Sente que irá desfazer-se. Ela só é capaz de seguir existindo se se dá continuidade ao processo da descarga, com novas pessoas juntando-se a ela. Somente o *crescimento* da massa impede que seus componentes voltem a arrastar-se sob o peso de suas cargas privadas.

## A ÂNSIA DE DESTRUIÇÃO

Fala-se muito da ânsia de destruição da massa; é a primeira coisa nela que nos salta aos olhos, e é inegável que se trata de algo encontrável em toda parte, nos mais diferentes países e culturas. Embora se constate e desaprove tal ânsia, ela jamais é realmente explicada.

A massa destrói preferencialmente edifícios e objetos. Como frequentemente se trata de coisas quebradiças — como vidraças, espelhos, vasos, quadros, louça —, inclinamo-nos a acreditar que é justamente esse caráter quebradiço dos objetos que estimula a massa à destruição. Seguramente o ruído da destruição — o espatifar-se da louça, o tinir das vidraças — contribui de modo considerável para o prazer que se tem nela: são os vigorosos sons vitais de uma nova criatura, os gritos de um recém-nascido. O fato de ser tão fácil provocá-los intensifica-lhes a popularidade: todos gritam em uníssono, e o tinir é o aplauso dos objetos. Uma necessidade especial desse tipo de barulho parece estar presente no início do processo, quando não se é ainda uma reunião de um número grande de pessoas e pouco ou nada aconteceu. O barulho promete o fortalecimento pelo qual se espera, constituindo ainda um feliz presságio dos feitos que estão por vir. Seria, porém, equivocado acreditar que o decisivo aí é a facilidade com que as coisas se espatifam. Homens lançaram-se sobre esculturas de pedra dura, não descansando até vê-las despedaçadas e irreconhecíveis. Cristãos destruíram as cabeças e os braços de deuses gregos. Reformadores e revolucionários puseram abaixo as imagens dos santos, por vezes derrubando-as de alturas que punham em risco a sua vida, e, amiúde, tão dura era a pedra que buscavam destroçar que somente em parte lograram fazê-lo.

A destruição de imagens representando algo é a destruição de uma hierarquia que não se reconhece mais. Violam-se as distâncias universalmente estabelecidas, visíveis a todos e vigentes em toda parte. A dureza das imagens era a expressão de sua durabilidade; elas existem há muito tempo — pensa-se —,

existem desde sempre, eretas e inamovíveis; e era impossível aproximar-se delas munido de um propósito hostil. Agora, foram derrubadas e reduzidas a escombros. Nesse ato consumou-se a *descarga*.

Esta, porém, nem sempre vai tão longe. A destruição de tipo mais comum, da qual se falava aqui a princípio, nada mais é do que um ataque a todas as *fronteiras*. Vidraças e portas são parte dos edifícios; elas constituem a porção mais frágil de sua separação do exterior. Uma vez arrombadas portas e vidraças, o edifício perde sua individualidade. Qualquer um pode, então, e a seu bel-prazer, entrar; nada, ninguém lá dentro se encontra protegido. Nesses edifícios — pensa-se — encontram-se geralmente enfiados aqueles que buscam excluir-se da massa: os inimigos dela. Destruiu-se, pois, aquilo que os aparta. Nada mais há entre eles e a massa. Podem, pois, sair e juntar-se a ela. Ou pode-se ir buscá-los.

Há, contudo, mais coisas envolvidas aí. O próprio indivíduo tem a sensação de que, na massa, ele ultrapassa as fronteiras de sua pessoa. Sente-se aliviado por se terem eliminado todas as distâncias que o compeliavam de volta a si próprio e o encerravam. Com a eliminação das cargas da distância, ele se sente livre, e sua liberdade consiste nesse ultrapassar das fronteiras. Mas o que acontece com ele deve ocorrer também aos outros: ele espera que se dê o mesmo com eles. O que o irrita num vaso de barro é que este nada mais é do que uma fronteira. Num edifício, irritam-no as portas trancadas. Ritos, cerimônias, tudo quanto mantém distâncias o ameaça, é-lhe insupportável. A esses recipientes pré-formados buscar-se-á reconduzir a massa estilhaçada. Esta odeia suas prisões futuras, as quais sempre viu como prisões. Aos olhos da massa nua, tudo parece uma Bastilha.

O mais impressionante de todos os meios da destruição é o *fogo*. Ele é visível de longe e atrai mais pessoas. Além disso, destrói de modo irrevogável. Depois de um incêndio, nada permanece como era. Ateando fogo às coisas, a massa julga-se invencível. À medida que o fogo se propaga, tudo se junta a ela.

Ele aniquila tudo o que lhe é hostil. Como se verá, o fogo é o símbolo mais vigoroso que existe para a massa. E, terminada a destruição, o fogo, assim como a massa, tem de extinguir-se.

## A ERUPÇÃO

A massa *aberta* é a massa propriamente dita, que se entrega livremente a seu ímpeto de crescimento. Uma massa aberta não tem uma ideia ou sensação clara de *quão* grande poderá vir a ser. Ela não se atém a nenhum edifício que conheça e deva preencher. Sua medida não se encontra fixada; ela deseja crescer até o infinito, e aquilo de que precisa para tanto são mais e mais pessoas. É nesse seu estado nu e cru que a massa mais chama a atenção. Ainda assim, ela conserva algo de extraordinário e, visto desintegrar-se sempre, não é levada totalmente a sério. Talvez se persistisse não a encarando com a seriedade que lhe é devida, não fosse pelo fato de o aumento vertiginoso da população mundial e o rápido crescimento das cidades, ambos característicos desta nossa época moderna, terem propiciado oportunidades cada vez mais frequentes para sua formação.

As massas *fechadas* do passado, das quais ainda se falará mais adiante, transformaram-se todas em instituições conhecidas. O estado peculiar no qual mergulhavam amiúde seus participantes parecia algo natural; as pessoas sempre se reuniam com um determinado fim — fosse ele de natureza religiosa, comemorativa ou bélica —, e esse fim parecia santificar seu estado. Quem assistia a uma pregação certamente acreditava de boa-fé ser a pregação o que lhe interessava; tê-lo-ia espantado e mesmo revoltado, talvez, que alguém lhe explicasse causar-lhe maior satisfação o grande número de ouvintes presentes do que o próprio pregador. Todas as cerimônias e regras pertinentes a tais instituições visavam fundamentalmente *apanhar* a massa: melhor uma igreja segura, cheia de fiéis, do que todo o inseguro mundo. Na regularidade das idas à igreja, na repetição familiar e precisa de certos ritos, assegura-se à massa uma espécie de

experimentação domesticada dela mesma. O transcorrer dessas cerimônias, realizadas de tempos em tempos, transforma-se num sucedâneo para necessidades de natureza mais rude e violenta.

Tivesse o número de homens permanecido aproximadamente o mesmo, talvez tais instituições houvessem bastado. Mas cada vez mais pessoas circulavam pelas cidades; nos últimos duzentos anos, a multiplicação da população deu-se numa velocidade crescente. Com isso, estavam dados todos os incentivos para a formação de massas novas e maiores, e, sob tais condições, nada — nem mesmo o governo mais experimentado e refinado — teria sido capaz de coibi-las.

Todas as insurreições contra um cerimonial tradicional que a história da religião relata apresentam-se voltadas contra a limitação da massa, que, afinal, quer tornar a sentir o seu crescimento. Tome-se, por exemplo, o Sermão da Montanha, no Novo Testamento: ele acontece ao ar livre — milhares de pessoas podem ouvi-lo — e dirige-se, não há dúvida, contra a realização restritiva das cerimônias no templo oficial. Pense-se, ademais, na tendência do cristianismo paulino a romper as fronteiras do judaísmo, enquanto nação e tribo, e tornar-se uma crença universal, para toda a humanidade. E veja-se o desdém do budismo pelo sistema de castas da Índia de outrora.

Mesmo a história *interna* de cada uma das religiões universais é rica em acontecimentos de significado semelhante. O templo, a casta e a igreja são sempre demasiado estreitos. As Cruzadas conduzem à formação de massas de uma proporção que nenhuma igreja do mundo de então teria sido capaz de abrigar. Posteriormente, cidades inteiras transformam-se em espectadoras dos atos dos flagelantes, que, ademais, peregrinam de cidade em cidade. Ainda no século XVIII, Wesley constrói seu movimento a partir de pregações ao ar livre. Tem plena consciência do significado da enorme massa dos seus ouvintes e, por vezes, calcula em seu diário quantos o terão ouvido em sua última pregação. Invariavelmente, a erupção para além dos locais fechados significa que a massa quer de



volta o velho prazer que lhe proporciona o crescimento súbito, rápido e ilimitado.

Denomino, pois, *erupção* a repentina transformação de uma massa *fechada* em *aberta*. Trata-se de um fenômeno frequente, mas não se pode entendê-lo num sentido puramente espacial. Em geral, seu aspecto é o de uma massa transbordando de um espaço no qual se encontrava bem protegida para a praça e para as ruas de uma cidade, onde, atraindo todos para si e exposta a tudo, ela se movimenta livremente. Mais importante, porém, do que esse processo interior é o fenômeno exterior correspondente: a insatisfação com o caráter limitado do número de participantes; a vontade súbita de *atrair*; a firme e apaixonada disposição de atingir a *todos*.

A partir da Revolução Francesa, tais erupções repentinas adquiriram uma forma que entendemos como moderna. Talvez em função de a massa ter se libertado tão grandemente do teor das religiões tradicionais, é-nos desde então mais fácil vê-la nua e crua, vê-la biologicamente — poder-se-ia dizer —, destituída dos significados e metas transcendentais que, anteriormente, ela se deixava inculcar. A história dos últimos 150 anos culminou numa veloz multiplicação de tais erupções, incluindo até mesmo as guerras, transformadas em guerras de massas. A massa não se contenta mais com condições e promessas pias; deseja vivenciar ela própria a grandiosa sensação de sua força e paixão animais, valendo-se continuamente para tanto de tudo quanto se lhe oferece em termos de oportunidades e demandas sociais.

É importante estabelecer, antes de tudo, que a massa jamais se sente saciada. Enquanto houver alguém que não se tenha deixado apanhar por ela, ela demonstrará apetite. Se seguiria demonstrando-o, uma vez tendo realmente absorvido a *totalidade* dos homens, isso ninguém pode afirmar com certeza, embora seja de se supor que sim. Há algo de impotência em suas tentativas de *persistir*. E o único caminho promissor para tanto é a formação de massas duplas, quando, então, uma massa se mede com outra. Quanto mais próximas elas forem em força e

intensidade, tanto mais longamente sobreviverão ambas as massas a medir-se.

## O SENTIMENTO DE PERSEGUIÇÃO

Dentre os traços mais notáveis na vida da massa encontra-se algo que se poderia denominar um sentimento de perseguição, uma particular e irada suscetibilidade e irritabilidade em relação àqueles que ela caracteriza definitivamente como inimigos. Façam estes o que quer que façam — comportem-se eles com rispidez ou simpatia, sejam solidários ou frios, duros ou brandos —, tudo é interpretado como proveniente de uma inabalável malevolência, de uma disposição hostil à massa: um propósito já firmado de, aberta ou dissimuladamente, destruí-la.

A fim de se explicar esse sentimento de hostilidade e perseguição, tem-se mais uma vez de partir do fato básico de que a massa, uma vez surgida, deseja crescer velozmente. Dificilmente se pode fazer uma ideia exagerada da força e da determinação com a qual a massa se propaga. Enquanto sente que está crescendo — em situações revolucionárias, por exemplo, que principiam com massas pequenas, mas extremamente tensas —, tudo quanto se contraponha a esse seu crescimento é por ela percebido como um cerceamento. A massa pode ser dispersada e fracionada pela polícia, mas isso produzirá um efeito apenas temporário, feito um espantar com a mão uma nuvem de mosquitos. Pode também, no entanto, ser atacada a partir do seu interior, na medida em que se vá ao encontro das demandas que conduziram a sua formação. Nesse caso, os mais fracos separam-se dela, e outros, em vias de juntar-se a ela, recuam na metade do caminho.

O ataque *exterior* à massa só faz fortalecê-la. Os corpos apartados são atraídos tanto mais vigorosamente para junto uns dos outros. Já o ataque proveniente do *interior*, pelo contrário, é realmente perigoso. Uma greve que tenha obtido algumas conquistas espedaça-se a olhos vistos. O ataque proveniente do

interior apela a desejos individuais. A massa o sente como um suborno, como “imoral”, visto ir ele de encontro a sua clara e límpida disposição básica. Cada um dos membros de uma tal massa abriga em si um pequeno traidor, que deseja comer, beber, amar e ter o seu sossego. Na medida em que ele realiza tais atos secundariamente, deles não fazendo grande alarde, deixam-no estar. Tão logo, porém, ele lhes dá voz, começam a odiá-lo e temê-lo. Sabe-se, então, que ele deu ouvidos às tentações do inimigo.

A massa assemelha-se sempre a uma cidade sitiada — mas duplamente sitiada: o inimigo encontra-se tanto diante de seus muros quanto nos porões. Ao longo da luta, ela atrai cada vez mais adeptos. Seus novos amigos reúnem-se diante de todos os portões e batem impetuosamente, pedindo para entrar. Nos momentos favoráveis, seu pedido é atendido; contudo, eles escalam os muros também. A cidade se enche mais e mais de combatentes, mas cada um deles traz consigo seu pequeno e invisível traidor, que depressa se mete em algum porão. O sítio consiste no fato de se procurar interceptar os recém-chegados. Para os inimigos, do lado de fora, os muros são mais importantes do que os sitiados em seu interior. São os sitiadores que os constroem e elevam continuamente. Buscam subornar os recém-chegados e, quando já não podem mais detê-los, cuidam para que o pequeno traidor que os acompanha seja munido de suficiente hostilidade em seu caminho rumo à cidade.

O sentimento de perseguição da massa nada mais é do que esse sentimento de uma dupla ameaça. Os muros exteriores são estreitados progressivamente, e os porões interiores cada vez mais minados. As ações do inimigo a trabalhar nos muros são abertas e visíveis, mas ocultas e dissimuladas nos porões.

Imagens como essa, porém, sempre capturam apenas uma parte da verdade. Os que acorrem provindos do exterior, os que desejam entrar na cidade, não são somente novos adeptos, reforços, apoios: são também o *alimento* da massa. Uma massa que não aumenta encontra-se em jejum. Existem meios para suportar esse jejum, e as religiões desenvolveram grande maestria

nesse aspecto. Demonstrar-se-á a seguir de que forma as religiões universais conseguem manter suas massas, mesmo sem que elas aumentem aguda e violentamente.

## A DOMESTICAÇÃO DAS MASSAS NAS RELIGIÕES UNIVERSAIS

Tão logo reconhecidas, as religiões com pretensões universais mudam a tônica de seu assédio. De início, trata-se para elas de atingir e conquistar todos quantos há para atingir e conquistar. A massa que têm em mente é universal; cada alma é importante, e cada uma delas deve ser sua. A batalha, porém, que tais religiões têm de vencer conduz paulatinamente a uma espécie de respeito recôndito pelos adversários já instituídos. Elas veem como é difícil manter-se. Instituições que lhes emprestem solidariedade e durabilidade parecem-lhes cada vez mais importantes. Estimuladas pelas dos adversários, fazem, então, de tudo para criar suas próprias instituições; e, quando o conseguem, estas últimas passam a ser, com o tempo, a coisa mais importante. O peso próprio das instituições que adquirem assim vida própria abranda pouco a pouco o ímpeto do assédio inicial. Igrejas são construídas de modo a abrigar os fiéis já existentes. Havendo realmente necessidade de ampliá-las, isso é feito com moderação e prudência. Há uma forte tendência a reunir os fiéis existentes em unidades separadas. Precisamente porque estes agora são muitos, bastante grande é a propensão para a desagregação, um perigo ao qual tem-se sempre de fazer frente.

As religiões universais históricas trazem no sangue, por assim dizer, uma sensibilidade para as insídias da massa. Suas próprias tradições, assumindo o caráter de leis, ensinam-lhes quão súbita e inesperadamente elas cresceram. Suas histórias de conversões em massa parecem-lhes milagrosas, e o são. Nos movimentos de apostasia, temidos e perseguidos pelas Igrejas, a mesma espécie de milagre volta-se contra elas, e os ferimentos que assim lhes são infligidos na própria carne são dolorosos

e inesquecíveis. Tanto o rápido crescimento do início quanto as posteriores e não menos rápidas apostasias mantêm sempre viva sua desconfiança em relação à massa.

O que tais igrejas desejam para si é, ao contrário dessa massa, um *rebanho* obediente. É comum contemplarem os fiéis como cordeiros e louvarem-lhes a obediência. À tendência fundamental da massa — o crescimento veloz —, renunciam inteiramente. Contentam-se com a ficção temporária de uma igualdade entre os fiéis, igualdade esta que jamais é levada a cabo com demasiado rigor; satisfazem-se com uma certa densidade, mantida dentro de fronteiras comedidas, e com uma direção vigorosa. A meta, situam-na de bom grado a uma enorme distância, num além que não se pode adentrar de imediato, enquanto ainda se vive, e que se tem de fazer por merecer mediante muito esforço e submissão. Aos poucos, a direção vai se tornando o mais importante. Quanto mais distante a meta, tanto maior a perspectiva de durabilidade. No lugar daquele outro princípio — o princípio aparentemente indispensável do crescimento —, coloca-se algo inteiramente diverso: a repetição.

Em determinados espaços e em certos momentos, reúnem-se os fiéis e, por meio de atividades sempre idênticas, são colocados em um estado semelhante ao da massa, mas sob uma forma abrandada — um estado que os impressiona, sem, contudo, tornar-se perigoso, e ao qual eles se acostumam. O sentimento da própria unidade é-lhes administrado de forma *dosada*. Do acerto dessa dose depende a durabilidade da Igreja.

Onde quer que os homens se tenham acostumado a essa experiência repetida e delimitada com precisão em suas igrejas e templos, não mais serão eles capazes de prescindir dela. Dependem dessa experiência da mesma forma como dependem de alimentação e de tudo o mais que compõe sua existência. Uma súbita proibição do culto ou a repressão de sua religião por um decreto estatal não deixará de acarretar consequências. A perturbação de seu gerenciamento cuidadosamente equilibrado como massa fatalmente conduzirá, após algum tempo, à erupção de uma massa *aberta*. Esta possuirá, então, todas as característi-

cas elementares que se conhecem. Ela se propagará com rapidez, implantará uma igualdade real em lugar da fictícia e buscará para si densidades novas e muito mais intensas. Momentaneamente, abandonará aquela meta longínqua e dificilmente atingível para a qual foi educada, impondo-se uma nova meta no *aqui*, no âmbito imediato da vida concreta.

Todas as religiões que se veem subitamente proibidas vingam-se por intermédio de uma espécie de *secularização*: o caráter de sua fé modifica-se completamente numa erupção de grande e inesperada selvageria, sem que elas próprias sejam capazes de compreender a natureza dessa modificação. Julgam tratar-se ainda da velha fé e acreditam que seguem apegando-se apenas às suas mais profundas convicções. Na realidade, porém, transformaram-se de repente em algo inteiramente diverso, algo dotado de um aguçado e singular sentimento da massa aberta que agora compõem e que não desejam de modo algum abandonar.

## O PÂNICO

Conforme já se observou repetidas vezes, o pânico num teatro constitui uma *desagregação* da massa. Quanto mais unidas as pessoas se encontravam em função do espetáculo, quanto mais fechada a forma do teatro que exteriormente as mantém coesas, tanto mais violenta a desagregação.

É igualmente possível, contudo, que apenas a encenação não dê ensejo à formação de uma massa genuína. Com frequência, o público não se sente tomado pelo espetáculo, permanecendo reunido apenas porque já está ali. Mas o que a peça não logrou produzir, um *incêndio* acarretará de imediato. O fogo não é menos perigoso para os homens do que para os animais: trata-se do mais forte e mais antigo símbolo da massa. A percepção da sua presença subitamente intensifica ao máximo o que quer que tenha existido de sentimento de massa no público. Graças ao perigo comum e inequívoco, nasce um medo compartilhado por todos. Assim, por um breve período, o público constitui uma

verdadeira massa. Não estivessem as pessoas num teatro, elas poderiam fugir em grupo, qual um bando de animais em perigo, elevando com seus movimentos sincronizados a energia da fuga. Um medo ativo dessa natureza, vivenciado em massa, é a grande experiência coletiva de todos os animais que vivem em bandos e, como bons corredores, se salvam juntos.

No teatro, pelo contrário, a massa tem de desagregar-se do modo mais violento. As portas somente dão passagem a uma única ou a umas poucas pessoas por vez. A energia da fuga transforma-se por si só numa energia do rechaço. Entre as fileiras de poltronas só é possível passar uma pessoa de cada vez; cada um encontra-se absolutamente apartado do outro: as pessoas sentam-se sós, levantam-se sós e têm cada uma o seu lugar. A distância até a porta mais próxima é diferente para cada um. O teatro normal visa fixar as pessoas em suas poltronas e deixar-lhes apenas a liberdade de suas mãos e vozes. O movimento das pernas é, tanto quanto possível, limitado.

A ordem súbita para a fuga que o fogo dá aos homens confronta-se, pois, de imediato, com a impossibilidade do movimento conjunto. A porta que todos precisam atravessar, que todos veem e em que se veem nitidamente apartados dos demais, é a moldura de um quadro que logo os domina. Assim, e justamente no seu auge, a massa é obrigada a desagregar-se com violência. A reviravolta faz-se nítida nas tendências as mais violentas dos indivíduos: todos empurram, batem e pisoteiam selvagememente ao seu redor.

Quanto mais as pessoas lutam “por sua própria vida”, tanto mais claro se torna que lutam *contra* os outros, que, por toda parte, as estorvam. Estes estão ali feito cadeiras, balaustradas, portas trancadas; a diferença, todavia, é que lutam também. Empurram para cá e para lá, para onde lhes convém — ou, na verdade, para onde estão eles próprios sendo empurrados. Mulheres, crianças e velhos não são poupados: não se diferenciam dos homens. Isso é da própria constituição da massa, na qual todos são iguais; e mesmo não mais se sentindo como massa, o indivíduo está ainda inteiramente circundado por ela. O pânico

é uma desagregação da massa *no interior* dela própria. O indivíduo aparta-se dela e deseja escapar-lhe — escapar da massa que, como um todo, está em perigo. Como, porém, encontra-se ainda fisicamente nela, tem de combatê-la. Entregar-se à massa nesse momento seria a sua ruína, visto que ela própria está ameaçada de arruinar-se. Num tal momento, o indivíduo não se cansa de enfatizar sua singularidade. Com seus golpes e empurrões, ele atrai mais golpes e empurrões. Quanto mais golpes dá e recebe, tanto mais claramente sente-se a *si próprio*, e tanto mais nitidamente recolocam-se para ele as fronteiras de sua pessoa.

É surpreendente observar o quanto a massa assume o caráter do fogo para aquele que combate em seu interior. Ela nasceu da inesperada visão de uma chama ou do grito: “Fogo!”. E é tal como as chamas que ela joga com aquele que busca escapar. As pessoas que este empurra para longe são, para ele, objetos incandescentes; seu toque é-lhe hostil, assustando-o onde quer que elas lhe toquem o corpo. Quem quer que se interponha no caminho é contaminado por essa disposição genericamente hostil do fogo; a maneira como este se propaga, como vai paulatinamente cercando as pessoas e, por fim, as envolve por completo, assemelha-se bastante ao comportamento da massa, a ameaçá-las por todos os lados. Os movimentos imprevisíveis em seu interior, o braço, o punho, a perna que sobressai, são como as chamas, capazes de, subitamente e por toda parte, erguerem-se em labaredas. Manifestando-se sob a forma de um incêndio numa floresta ou estepe, o fogo é uma massa hostil; todo homem é capaz de senti-lo intensamente. Na condição de símbolo da massa, o fogo penetrou-lhe a economia psíquica, traduzindo-se num seu componente imutável. Aquele enérgico pisotear de homens que tão frequentemente se observa em situações de pânico e que se afigura tão sem sentido nada mais é do que um *pisotear* o fogo, *com o intuito de apagá-lo*.

A desagregação pelo pânico somente se deixa evitar na medida em que se prolonga o estado original de medo experimentado homogeneamente em massa. Numa igreja ameaçada, isso



é possível: compartilhando do medo, as pessoas rezam para um deus comum, que tem nas mãos a possibilidade de, através de um milagre, extinguir o fogo.

#### A MASSA COMO ANEL

Uma massa duplamente fechada é o que temos diante de nós numa *arena*. Não será ocioso examiná-la à luz dessa sua notável qualidade.

Relativamente ao exterior, a arena encontra-se bem delimitada. Normalmente, ela é visível de longe. Sua localização na cidade, o espaço que ocupa, é conhecida de todos. Sente-se sempre a sua presença ali, mesmo quando não se está pensando nela. Os gritos que dela provêm avançam na distância. Se não é coberta, muito da vida que nela se desenrola comunica-se à cidade ao seu redor.

Mas, por mais estimulantes que sejam tais comunicados, uma livre afluência de pessoas rumo à arena é impossível. O número de lugares que ela contém é limitado. Estabelece-se uma meta para sua densidade. Os assentos são dispostos de maneira a não comprimir demasiadamente as pessoas. Estas devem sentir-se confortáveis em seu interior. De seus assentos, devem ter uma boa visão e não incomodar umas às outras.

Ao exterior, à cidade, a arena exhibe um muro *inanimado*. Em seu interior, ela constrói um muro de gente. Todos os presentes voltam as *costas* à cidade. Desprenderam-se da ordem urbana, dos muros e ruas da cidade. Não se preocupam com nada do que nela acontece ao longo de sua permanência na arena. Deixam para trás a vida de seus conhecidos, suas regras e costumes. Sua reunião em grande número encontra-se assegurada por um certo tempo; foi-lhes prometido excitação, mas sob uma condição assaz decisiva: a descarga da massa tem de se dar *para dentro*.

As fileiras encontram-se dispostas uma acima da outra, a fim de que todos vejam o que se passa lá embaixo. A consequência disso, porém, é que a massa encontra-se sentada diante

de si mesma. Cada um tem à sua frente milhares de pessoas e cabeças. Enquanto ele permanecer ali, todos permanecerão. O que o excita, excita os outros também, e ele o *vê*. Os demais encontram-se sentados a uma certa distância dele; desaparecem as singularidades que normalmente os distinguem, tornando-os indivíduos. Todos se tornam muito parecidos e comportam-se de modo semelhante. Nos outros, cada um percebe apenas aquilo que ele próprio está sentindo. A excitação visível dos demais intensifica a sua própria.

A massa que assim se exhibe a si mesma não apresenta nenhuma interrupção. O anel que compõe é fechado. Nada lhe escapa. Há algo de estranhamente homogêneo nesse anel de rostos fascinados, uns sobre os outros. Ele abarca e contém tudo quanto se passa lá embaixo. Desse todo, ninguém abre mão; ninguém quer ir embora. Qualquer lacuna nesse anel poderia advertir para a desagregação, para a futura dispersão. Mas inexistem lacunas: essa massa é fechada para o exterior e fechada em si — é, pois, duplamente fechada.

#### AS PROPRIEDADES DA MASSA

Antes de se intentar empreender uma *classificação* da massa, convém resumir brevemente aqui suas propriedades principais. As quatro características abaixo devem ser ressaltadas:

1) *A massa quer crescer sempre*. Fronteira alguma impõe-se naturalmente ao seu crescimento. Onde quer que tais fronteiras sejam criadas artificialmente — ou seja, em todas as instituições empregadas para a preservação de massas fechadas —, sua erupção é sempre possível e, de fato, se dá de tempos em tempos. Inexistem expedientes absolutamente seguros que possam impedir em definitivo o crescimento da massa.

2) *No interior da massa reina a igualdade*. Absoluta e indiscutível, tal igualdade jamais é questionada pela própria massa. Ela é de tão fundamental importância que se poderia definir o es-

tado da massa como um estado de igualdade absoluta. Uma cabeça é uma cabeça; um braço é um braço — as diferenças não importam. É por causa dessa igualdade que as pessoas transformam-se em massa. O que quer que possa desviá-las desse propósito é ignorado. Toda demanda por justiça, todas as teorias igualitárias tiram sua energia dessa experiência da igualdade que todos, cada um a seu modo, conhecem a partir da massa.

3) *A massa ama a densidade.* Ela nunca é densa o bastante. Nada deve obstruí-la, nada deve interpor-se: tanto quanto possível, tudo deve ser a própria massa. O sentimento da densidade maior, ela o tem no momento da descarga. Um dia será possível definir e medir com maior exatidão essa densidade.

4) *A massa necessita de uma direção.* Ela está em movimento e move-se rumo a alguma coisa. A direção comum a todos os seus membros fortalece o sentimento de igualdade. Uma meta exterior aos indivíduos e idêntica para todos soterra as metas particulares e desiguais que significariam a morte da massa. A direção é imprescindível para sua durabilidade. O medo da desagregação, sempre vivo nela, torna possível guiá-la rumo a quaisquer metas. Enquanto possuir uma meta inatingível, a massa persiste. — Mas há nela ainda um movimento obscuro, conduzindo a formações novas e superiores. É frequentemente impossível predizer a natureza dessas formações.

Cada uma dessas quatro propriedades aí constatadas pode estar presente em maior ou menor grau. Dependendo daquela que se contemple, chegar-se-á a uma *classificação* diferente das massas.

Já se falou aqui em massas abertas e fechadas, e explicou-se também que tal classificação encontra-se relacionada com o seu *crescimento*. Enquanto esse crescimento não for obstruído, a massa é aberta; ela será fechada tão logo se lhe limitar o crescimento.

Uma outra diferenciação de que ainda se falará aqui é aquela entre as massas rítmicas e as estanques. Esta relaciona-se às duas propriedades seguintes da massa — isto é, à *igualdade* e à *densidade* —, e, aliás, a ambas a um só tempo.

A massa *estanque* vive em função de sua descarga, mas, tendo-a como certa, posterga-a. Deseja um período relativamente longo de adensamento, a fim de que possa preparar-se para o momento da descarga. Poder-se-ia dizer que ela se aquece adensando-se, retardando a descarga tanto quanto possível. No seu caso, o processo não principia com a igualdade, mas com a densidade. A igualdade torna-se a meta principal da massa, aquela na qual ela, por fim, desemboca; cada grito conjunto, cada manifestação conjunta constitui, então, expressão autêntica dessa igualdade.

Contrariamente a isso, densidade e igualdade coincidem desde o princípio na massa *rítmica*. Nesta, tudo depende do movimento. Todos os estímulos corporais que se hão de verificar são predeterminados e traduzidos em dança. A densidade é conscientemente configurada por intermédio de afastamentos e reaproximações. A igualdade, por sua vez, coloca-se ela própria à mostra. Representações da densidade e da igualdade produzem engenhosamente o sentimento de massa. Tais formações rítmicas nascem de forma veloz, e é somente o cansaço físico que lhes põe um fim.

O próximo par conceitual — o das massas *lentas e velozes* — define-se exclusivamente em função da natureza de sua meta. As massas que despertam atenção, aquelas das quais normalmente se fala e que compõem elemento tão essencial de nossa vida moderna — as massas políticas, esportivas, bélicas, com que hoje deparamos diariamente —, são todas elas massas *velozes*. Bastante distintas destas são as massas religiosas do *além* ou as de *peregrinos*. A meta de ambas encontra-se distante; o caminho é longo e a formação propriamente dita da massa é deslocada para uma terra longínqua ou para um reino dos céus. Dessas massas lentas, o que efetivamente vemos é tão somente a sua afluência, pois o estado final a que almejam é *invisível*, além de inatingível para os descrentes. A massa lenta reúne-se vagarosamente e, a grande distância, vê-se a si própria como perene.

Todas essas formas cuja essência foi aqui apenas sugerida necessitam de um exame mais detalhado.